

## **FALAS DA COMUNIDADE: *BRAZILIAN-AMERICAN* NOS ESTADOS UNIDOS (1985-2010)**

**Débora Vieira<sup>1</sup>, Sofia Badalotti da Motta<sup>2</sup>, Emerson César de Campos<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História FAED - bolsista PROBIC/UDESC

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História FAED

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de História FAED – ecdcampos@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Comunidade, Territórios, Transnacionalismo.

### **Resumo:**

Existem diferentes idéias e experiências vividas pelos brasileiros quando lançados e inseridos nos fluxos emigratórios para os Estados Unidos. A partir desta afirmação a idéia de comunidade e territórios da cultura brasileira em perspectiva transnacional. Mantendo essas considerações iniciais, por hipótese a ser ratificada a partir da investigação realizada, as diferenças regionais e de outras ordens no Brasil são vividas sob formas diferenciadas nos Estados Unidos. É possível, ainda que em forma de inferência, imaginar que um suposto projeto de comunidade e nacionalismo tensionem ainda mais essas diferenças, as quais constituem a maior parte da argumentação dessa apresentação. Cito algumas delas como elementos enunciativos daquilo a que me proponho tratar. Entre os depoimentos coletados foi possível observar expressões do tipo: “os catarinenses são esganados e só pensam em trabalho”, “naquele bairro fica a mineirada”, “o consumo é uma benção”, “eu gosto é de roça”, “espero meu *green card*”, “os americanos são frios”, “aqui é o meu lugar, mas sempre volto ao Brasil”, “esse povinho não é o meu Brasil”, “não tenho papel”, “o consulado não serve para nós”, “hoje tem festa brasileira em Boston”, “Eu gosto de cidade”. Longe de formar um sentido coeso acerca da presença brasileira nos Estados dos Unidos, ou ainda de indicar a maior parte sobre esse fenômeno do Tempo Presente, as falas sugerem para mim um estudo mais atento sobre as diferentes formas de expressão do nacionalismo brasileiro, especialmente quando consideramos a entrada definitiva do Brasil no grupo de países emigrantistas. As emigrações ou migrações internacionais são elas mesmas fenômenos de formação transnacional. O Transnacionalismo é uma novidade nos processo migratórios, mais ainda no caso brasileiro, pois é recente também a inserção de brasileiros nos fluxos contemporâneos. A transnacionalidade envolve um conjunto de ações (e negociações) e jogos identitários que tentam conectar o destino à origem, colocando em confronto nacionalidades que, desde suas formações, são antagônicas. Há um reconhecimento entre os pesquisadores do Transnacionalismo de que os imigrantes internacionais muito dificilmente renunciam, em sua inteireza, à cultura e à sociedade de suas nações de origem (MITCHELL, 2003, p.36). Ao que se tem levantado em inúmeras pesquisas, nos últimos cinquenta anos, cada vez mais imigrantes desejam e são capazes de manter vínculos com a sociedade onde nasceram. O estudo de laços migratórios transnacionais iniciado entre outros por Stuart Hall, Abdelmalek

Sayad, Maxine Margolis, Linda Basch, Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc (e outros) indicam a dimensão transnacional construída por um processo no qual os imigrantes, através de suas atividades diárias e relações sociais, econômicas e políticas, criam campos sociais que atravessam fronteiras e criam novos estados-nação, desterritorializados. Concordando ou não com a ideia sugerida, fato é que as conexões internacionais que costumam balizar as discussões acerca do fenômeno Transnacionalismo estão - em maior ou menor intensidade - ligadas ao trabalho e renda, ao capital social, ao tamanho e à densidade da Comunidade, ao *status* legal do imigrante, à capacidade de associação a outros grupos de interesse e às políticas do governo do país de origem. Pelo exposto é possível verificar quão complexa é a formação de uma Comunidade Transnacional. Trabalhei um ano na pesquisa citada e nessa apresentação apresento parte dos resultados dela bem como as formas utilizadas para alcançá-la. Os desafios enfrentados pelos brasileiros no exterior precisam ser colocados (e entendidos) em dimensão mais ampla (MARGOLIS e MITCHEL, 2003). A construção de uma perspectiva transnacional e de um hífen é necessária de ser trazida aos debates acerca dos processos identitários e da própria ideia de nação. Buscando esses trajetos que compõem a comunidade foi possível identificar muito sobre as formas de organização e apreensão do mundo social nos quais se inserem os brasileiros. Trabalhar com testemunhos orais implica em lidar com tempos, memórias, identidades e pertencimentos em seus movimentos múltiplos e cadências diferenciadas, já bem mostrado entre outros por: (ALBERTI, 2006, DELGADO, 2006, PORTELLI, 1997). Parte significativa das entrevistas foram realizadas em modo *on line*, em áudio e por vezes áudio e vídeo, com recursos técnicos possibilitado tanto por ferramentas mais complexas, dispostas nos laboratórios do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED-UDESC, quanto por outras já bastante conhecidas e divulgadas como o *Skype*.